

## **As mulheres e suas artes de fazer na política <sup>1</sup>**

**Margareth Rago – UNICAMP**

Se as recentes estatísticas divulgadas pela mídia causam muito desconforto, ao comprovarem o baixo índice de participação das mulheres na Política, esse sentimento se transforma em perplexidade quando constatamos sua crescente atuação na vida cotidiana e, em especial, nos movimentos sociais. Num quadro divulgado pelo Fórum Econômico Mundial, explica Flávia Piovesan, em se considerando essa questão, dos 58 países considerados, 28 dos quais países desenvolvidos, o Brasil ocupa o penúltimo lugar da lista, perdendo apenas para a Jordânia.<sup>2</sup> Constatamos, portanto, o que de algum modo já sabemos, isto é, que temos pouquíssimas mulheres nos governos, que nunca tivemos uma mulher na presidência da República e que apenas agora esse quadro começa a se alterar um pouco na América Latina e em todo o mundo.

Certamente esses dados incomodam muito, especialmente quando notamos que as mulheres ocupam cada vez mais novos espaços na vida pública e social, que podem ser vistas por toda a parte – sozinhas ou acompanhadas - nas ruas, nos cinemas e teatros, nos bares, cafés e restaurantes, nas fábricas e empresas, nas escolas e universidades, colorindo a cidade e diversificando a paisagem social. O contraste é cada vez mais chocante e merece algumas reflexões.

Uma possibilidade que se abre para pensar essa discrepância nas relações de gênero reside na própria maneira pela qual entendemos a política. É claro que quando nos referimos à baixa participação feminina nessa área, estamos considerando o Estado, o Parlamento ou outros grandes centros das decisões nacionais. O que acontece, porém, quando saímos desse paradigma que tem informado nossas concepções, há vários séculos, confinando o olhar exclusivamente à esfera da política institucional? O que acontece quando questionamos essa representação jurídica do poder e passamos a deslocar o olhar para outros espaços? O que pode acontecer quando pensamos de outra maneira o próprio poder, como nos convida Michel Foucault?

---

<sup>1</sup> Artigo publicado na Revista feminista CONSPIRANDO, do CHILE.

<sup>2</sup> Flávia Piovesan - “Participação Política das mulheres”, *Folha de São Paulo*, 06/02/2006.

Sem dúvida, esse filósofo torna-se aqui uma referência maior, considerando-se que, desde os anos setenta e, sobretudo, com a publicação de Vigiar e Punir, propõe uma desconstrução da representação tradicional do poder como coisa, repressão e negatividade.<sup>3</sup> Nessa direção, pergunta se não teríamos outras possibilidades de analisar o poder, para além de considerá-lo como uma coisa que uns possuem e outros não, como uma força negativa que nos reprime, cala, silencia, impedindo o pensamento e a ação, e como uma força exterior ao sujeito e à sociedade. Questionando a leitura jurídica do poder, que o identifica com o Estado e que o considera como aparelho repressivo que incide sobre os indivíduos de cima para baixo e de fora para dentro, como algo que é negativo, isto é, que diz não, seja pela violência, seja por outros meios, Foucault afirma que o capitalismo não conseguiria manter-se tão fortemente, se contasse apenas com essa força repressiva que impede a emergência das energias, das ações e dos pensamentos. A dominação capitalista, mostra ele, é poderosa exatamente porque se dissemina pelo social de maneira molecular, invisível, sofisticada, porque se situa ali mesmo onde não costumamos deter o olhar, nesses espaços difusos em que estamos inseridos e onde somos produzidos e nos produzimos individual e coletivamente. Em sua análise do poder, Foucault nos fala das “disciplinas” e do “bio-poder” como formas privilegiadas da dominação na Modernidade.

Assim, situando-se numa outra vertente intelectual e política, Foucault propõe pensar o poder como rede de relações que nos constituem, nas quais estamos imersos, como um jogo dinâmico em que ora somos os dominantes, ora ocupamos o lugar dos dominados. Nessa perspectiva, o poder é relacional e positivo ou produtivo, já que produz os corpos, os gestos, as ações; normatiza as condutas; define o lícito e o ilícito; incita a falar; perscruta, localiza, distribui, individualiza e classifica; gere a vida de todos e de cada um individualizadamente. O poder, visto como disciplina e bio-poder seria aquilo de que não podemos escapar e que não é exterior ao indivíduo, mas o que constitui a própria individualidade na sociedade moderna, que, aliás, ele chama de “sociedade disciplinar”.

O feminismo entendeu bem esse recado e apropriou-se da concepção foucaultiana do poder para pensar as relações de gênero e denunciar as formas sofisticadas e sutis da dominação masculina, nem sempre perceptíveis num primeiro olhar. Investigou as técnicas, os procedimentos, as estratégias, as táticas e os saberes que constituem o corpo feminino,

---

<sup>3</sup> Michel Foucault – Vigiar e Punir. Rio de Janeiro: Graal, 1979

instituem as definições de feminilidade e masculinidade, assim como os padrões do normal e do patológico, do permitido e do proibido. Hoje, são inúmeros os estudos que focalizam as estratégias pelas quais o poder médico investiu sobre o corpo feminino, definindo a mulher pela maternidade e destinando-a à esfera privada do lar, da família e dos cuidados com os filhos. Excluindo-a, portanto, da esfera pública e da vida política com fortes argumentos biologizantes.

É de se notar, de outro lado, que mesmo sem conhecer todo esse vocabulário e todas essas reflexões, as mulheres estiveram desde sempre subvertendo as normas, questionando o regime de verdades socialmente hegemônico, transgredindo as regras ou burlando as leis, com suas “artes de fazer”, na expressão de Michel de Certeau, necessárias para a construção da própria sobrevivência, tanto material quanto psíquica.<sup>4</sup> Não é preciso muito esforço, em nossos dias, para perceber o grau e a maneira pela qual as mulheres - de várias classes sociais e de diferentes etnias e gerações - têm transformado não apenas a esfera pública, mas todo o imaginário social e cultural, com sua presença, com suas manifestações em vários âmbitos, com seus questionamentos e denúncias, com sua energia renovadora.

Nesse sentido, pode-se afirmar que vivemos uma feminização da cultura, já que a entrada das mulheres em muitas atividades e profissões, antes consideradas masculinas afeta-as e transforma-as profundamente. Embora muitas vezes seja repetido o jargão segundo o qual as mulheres, e sobretudo as feministas não revolucionam o mundo, pois visam apenas destronar os homens para ocupar seus postos, creio que esta posição implica um alto preconceito, senão uma recusa mesma de constatar as profundas implicações da atuação feminista em nosso mundo. Vale esclarecer que denomino feminista toda prática, idéia, sujeito, atitude, pensamento, postura, que promove a luta das mulheres pela liberdade e autonomia.

Avançando meus argumentos, creio que um novo olhar pode perceber a forte e crescente atuação **política** das mulheres, já que estas subvertem a ordem dominante – isto é, masculina - do mundo, inovando em várias frentes de atuação. A título de ilustração, vale lembrar como as feministas desfizeram as antigas fronteiras que demarcavam o público e o privado, alargando o próprio conceito de democracia, inclusive no campo político

---

<sup>4</sup> Michel de Certeau – A invenção do cotidiano. Petrópolis:Vozes, 1994.

institucional, ao incluírem na agenda pública reivindicações específicas das mulheres. Os direitos reprodutivos, a descriminalização do aborto, as denúncias contra a violência doméstica, as reivindicações de mudanças no Código Penal fazem parte de um amplo leque de temas antes considerados tabus, mas que afetam diretamente a própria vida das mulheres.

Se nos deslocarmos para pensar a produção do conhecimento científico, observamos que os “estudos feministas” se constituem hoje como importante área do pensamento e da atividade acadêmica em todo o mundo ocidental, forçando a busca de novos paradigmas e reflexões que escapem aos modos de pensar arborescentes e cêntricos, como afirma Gilles Deleuze, marcadamente particularistas, excludentes e hierárquicos. É aqui que emergem novas maneiras de pensar, críticas dos procedimentos autoritários da Modernidade e que abrem a perspectiva de não apenas olharmos de outro modo para nosso próprio passado, como para compreender o presente em novas dimensões.

Se essas discussões fazem sentido, e creio que fazem, então podemos partir para uma releitura do passado onde apareçam as práticas femininas e feministas na esfera pública e privada, onde as experiências e lutas das mulheres ganhem visibilidade, permitindo que construam novas interpretações de si mesmas. De passivas e incapazes, portanto, as mulheres aparecem como plenas de iniciativas, idéias e energias não apenas no presente, mas em muitos outros importantes momentos da História. É o caso, por exemplo, da massiva presença das mulheres nas lutas contra muitas ditaduras e, em especial, contra a ditadura militar no Brasil (1964-1985). Estudos relativamente recentes têm mostrado que não apenas estiveram presentes na periferia das grandes cidades, lutando pelos direitos civis, reivindicando melhores condições de habitação, escolas e creches para as crianças e jovens, ou transporte para todos, como participaram diretamente da luta contra o regime ditatorial, pela construção da democracia num sentido mais amplo, em toda a parte.

Não se trata apenas de dar destaque ao movimento feminista, que, aliás, considero da maior importância pelo potencial de transformação que carrega e pelo impulsionamento das lutas sociais que promove, mas de considerar as ações de todas aquelas que, no cotidiano de suas vidas, lutam e lutaram contra as formas moleculares do poder, denunciando, subvertendo, questionando e mostrando, com suas práticas inovadoras, que outros mundos podem ser criados e recriados libertariamente.

Certamente, para o feminismo não se trata apenas de uma luta por melhores condições de vida exclusivamente para as mulheres, já que as lutas que promove, lutas imediatas e transversais, irradiam-se para outros grupos sociais, das crianças a outros setores marginalizados, mas também aos próprios homens, que se vêem obrigados a repensarem suas práticas machistas e suas maneiras individualistas de ser. Se não devemos idealizar as mulheres, deixando de perceber que muitas escapam ao desejo feminista de mudança e de renovação libertária, que muitas não fazem mais do que repor o instituído e apostar nas velhas fórmulas, não se pode deixar de ver e destacar as imensas transformações eminentemente políticas que as mulheres têm promovido em nosso mundo, especialmente fora das órbitas cristalizadas dos macro-poderes. Para além dos espaços da política institucional, as lutas que empreende o feminismo, lutas que aliás criticam o próprio estatuto da mulher, afirmando seu direito à diferença, emerge uma nova sensibilidade em relação a tudo o que tem sido definido como feminino em nosso mundo, e que outrora era desqualificado como secundário e inferior – dos sentimentos às formas artísticas, ou na politização de questões antes consideradas “do privado”, como a saúde, o corpo e a sexualidade. Nesse sentido, e apesar das inúmeras permanências da tradição patriarcal, creio que se pode dizer que nosso mundo se torna cada vez mais filógeno.